

CEC - Centro de Estudos Cinematográficos: a memória do pioneirismo do cineclube em Juiz de Fora¹

RIBEIRO, Brênio Peters²

ARANTES, Haydêe Sant'Ana³

MUSSE, Christina Ferraz⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Resumo: Pioneiro no cineclubismo em Juiz de Fora, Minas Gerais, a história do CEC – Centro de Estudos Cinematográficos - remonta às décadas de 1950, 60 e 70, período de grande efervescência cultural e desenvolvimento artístico da cidade. Junto a grupos como aqueles da Galeria de Arte Celina e do Diretório Central dos Estudantes, o CEC articulou importantes eventos referentes à sétima arte e influenciou toda uma geração de cinéfilos e até mesmo críticos e diretores, que contribuiriam para a afirmação da tradição cinematográfica de Juiz de Fora. O grupo, que em sua maioria era formado por jovens estudantes, enfrentou dificuldades, durante a ditadura, para discutir e divulgar o fenômeno cinematográfico, no que ele tinha de mais específico, e, ao mesmo tempo, abranger a dimensão social que ele reflete e que atinge a todos.

Palavras-chaves: Audiovisual, História, Cinema, Cineclubismo, CEC.

Introdução

A década de 50 é conhecida como um período em que o Brasil progrediu. Não é à toa que recebeu a alcunha de “anos dourados”. A política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, a primeira conquista de uma Copa do Mundo pela seleção canarinho, o sucesso da Bossa Nova e o início do Cinema Novo são apenas algumas características dessa geração.

–

1- Trabalho apresentado no GT Comunicação Audiovisual e Visual, integrante do VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2011.

2- Estudante do 9º período noturno de Comunicação Social da UFJF, bolsista do Projeto de Pesquisa: Cidade e memória: a construção da identidade urbana pela narrativa audiovisual. E-mail: bprthai@hotmail.com

3- Estudante do 8º período noturno de Comunicação Social da UFJF, bolsista do Projeto de Pesquisa: Cidade e memória: a construção da identidade urbana pela narrativa audiovisual. E-mail: ydesantana@yahoo.com.br

4- Orientadora do trabalho e coordenadora do projeto: Cidade e memória: a construção da identidade urbana pela narrativa audiovisual. E-mail: musse@terra.com.br

Foi nesta década que chegou ao Brasil a televisão, ocasionando profundas mudanças nos meios de comunicação. O rádio já tinha feito com que a imprensa falada ganhasse mais corpo e passasse a levar informação aos mais remotos e diversos lugares.

Em Juiz de Fora, cidade do Sudeste de Minas Gerais, a década de 50 é marcada por uma reconfiguração de cenário. A cidade abandona sua vocação industrial para se transformar numa cidade terciária, prestadora de serviços. Um fato que confirma essa nova vocação é a quantidade de estabelecimentos de ensino na cidade. “Ivanir Yazbeck, jornalista e escritor, aponta os mais conhecidos: Academia de Comércio (exclusivamente masculino); Granbery, Machado Sobrinho, São José, Vianna Júnior e Bicalho (mistos); Stella Matutina, Santa Catarina, Santos Anjos, Carmo e Escola Normal (exclusivamente femininos)”. (YAZBECK apud MUSSE p 118)

A cidade nessa época passa a ter um ar mais cosmopolita. A década de 50 é marcada pela grande rivalidade entre os clubes de futebol da cidade: Tupinambás, Sport e Tupi que, naquela época, estavam vivendo seu auge e provocavam alvoroço a cada partida disputada. O carnaval ainda tinha como atrativo as prazerosas batalhas de confete e o rádio se fazia presente como o principal veículo de informação, capaz de lotar o Cine-Theatro Central com os programas de auditório.

Na passagem dos anos 50 para os anos 60, Juiz de Fora vive uma grande efervescência cultural caracterizada pelo surgimento da Universidade Federal de Juiz de Fora e pela militância de grupos estudantis reunidos no DCE - Diretório Central dos Estudantes¹.

Em várias cidades e lugarejos era comum a existência de grupos de cinéfilos que assistiam e discutiam sobre cinema. A expansão e organização desses grupos levou à criação do Conselho Nacional de Cineclubes, em 1962, órgão responsável pela integração dos cineclubes do país.

—

1- Diretório Central de Estudantes - associação formada por estudantes universitários.

O CEC - Centro de Estudos Cinematográficos

Em 1957, quando Claude Chabrol¹ produzia seu *Le Beau Serge*² e preparava a França para uma revisão no seu conceito de cinema, o Centro de Estudos Cinematográficos (CEC) nascia e dispunha-se a proceder de forma idêntica na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais.

Mais precisamente em 20 de outubro de 1957, um grupo de jovens se juntava para dar forma a uma experiência cinematográfica sem precedentes na cidade mineira. Encabeçados por Luiz Affonso Queiroz Pedreira, tido como o primeiro presidente da instituição, Affonso Romano³, Helyon de Oliveira, Amaury Costa, Armando Medeiros, Celina Bracher e Reydner Gonçalves fundaram o primeiro cineclube da cidade.

A proposta do CEC era a de ser uma entidade com finalidades culturais, relacionadas com o estudo do cinema como arte. Seus associados estavam preocupados em aprender o fenômeno cinematográfico, no que ele tinha de mais específico, e, ao mesmo tempo, abranger a dimensão social que ele reflete e que atinge a todos. Reconhecido como uma entidade de utilidade pública pela Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, através do decreto nº1339, o CEC sempre se empenhou em incentivar o estudo da sétima arte através de cursos, palestras, debates e exibições de filmes.

Nívea Bracher, que freqüentou as primeiras reuniões para a formação do CEC, se lembra da escolha do nome do grupo:

Na primeira reunião, que a gente fez para escolher o nome, a gente discutia e custamos a chegar em CEC - Centro de Estudos Cinematográficos. Então, parecia perfeito, fechamos neste. Mas, aí, o Luiz Affonso falou: “Centro... isso não tá parecendo sessão espírita?” Centro de Estudos Cinematográficos. Mas, aí, decidimos por CEC mesmo. (BRACHER, 2011).

—

1- Claude Henri Jean Chabrol (Paris, 24 de Junho de 1930 - Paris, 12 de setembro de 2010) foi um diretor de cinema, produtor de filmes, ator e roteirista francês.

2- *Le Beau Serge* (br.: *Nas garras do vício*) é um filme francês de 1958 do gênero drama, dirigido por Claude Chabrol. Considerado o primeiro filme da *Nouvelle Vague* francesa.

3- Affonso Romano de Sant'Anna, escritor, nasceu em Belo Horizonte, no dia 27 de março de 1937.

Durante os primeiros cinco anos de existência o cineclube praticamente não teve associados e seus integrantes tinham de fazer contribuições do próprio bolso – a popular “vaquinha” - para manterem a exibição de filmes.

Era comum também a realização de Mostras de Cinema de outros países. França e Itália eram sempre os mais expressivos. Isso acontecia quando se conseguia uma boa quantidade de filmes de determinado gênero.

Nesse primeiro período, o centro de estudos funcionava sem sede fixa e as exibições eram feitas no Machado Sobrinho, conhecida instituição educacional da cidade, e na Associação Atlética Banco do Brasil.

Como a mostra que ocorreu em agosto de 1960 que trazia apenas filmes suecos:

Boletim I 14/08/1960

De Ingmar Bergman

Filmografia de Fellini, Digo Ingmar Bergman(no Brasil)

Sede de Paixões (Torst), Suécia 1949

Noites de Circo (Gycklanas Afton)

Quando as mulheres esperam (Kvinnors Vantam) Suécia 1952

Mônica e o Desejo (Sommaren Monnika), Suécia 1952

Juventude Eterno Tesouro (Semmarlek) Suécia 1950

Uma lição de amor (Em lektion I Karlek) Suécia 1954

(L.A.P.F) (CEC-1960 Arquivo Histórico UFJF)

Em texto escrito para a comemoração de cinco anos da fundação do cineclube, o grupo descreve que nesse primeiro período o CEC viveu sob uma “crise econômica que de tão perpétua era já quase condição de vida” (CEC-JF, 1962).

Os sacrifícios pelos quais esses pioneiros passaram começou a dar resultados, e, a partir de 1960, diretamente orientada por eles, uma nova geração se preparava. Geração esta que, no ano seguinte, tomaria a direção da entidade com Geraldo Mayrink¹ assumindo a presidência.

Além de Mayrink, os integrantes dessa nova geração eram: Juan Ramón Conde, Ronaldo Mendonça, Paulo Simões, José Geraldo Amino, entre outros. A partir daí, pode-se dizer que o CEC começou a se tornar sucesso de bilheteria. Nesse mesmo ano, houve a aquisição de uma sede própria, que ficava no Edifício Baependi, na Rua Halfeld nº 805, a principal rua do centro da cidade. O centro ocupava a sala de número 1.204, no décimo segundo andar. O cineclube passou a ter exibições regulares e começou a fazer até mesmo a promoção de pré-estréias especiais como, por exemplo, de *Hiroshima Mon Amour*² e *A Bout de Souffle*.³

Nesse período de crescimento do CEC, duas instituições que formaram parceria com o centro contribuíram muito para o sucesso da empreitada. A Aliança Francesa, que emprestava suas instalações e seu prestígio para as exibições semanais, e a França Filmes do Brasil, que oferecia os filmes gratuitamente, o que, posteriormente, foi um dos fatores fundamentais para a independência econômica que já vinha sendo esboçada.

Com o fortalecimento, o grupo passa a se organizar. De acordo com o artigo 12 dos Estatutos do Centro de Estudos Cinematográficos, o CEC passa a ser administrado por uma diretoria composta por sete membros, retirados de seu quadro social, pela Assembléia Geral. A saber: “Presidente, Vice-Presidente, Secretário, 2º Secretário, Diretor Social, Diretor Tesoureiro e Diretor de Programação e Arquivo” (ESTATUTO DO CEC).

--

1- Geraldo Flávio Dutra Mayrink foi jornalista e escritor. Nascido em Juiz de Fora (MG), em 1942, morreu aos 67 anos, em São Paulo.

2- *Hiroshima Mon Amour* (br: *Hiroshima, Meu Amor*) é um filme franco-japonês de 1959. Um drama dirigido pelo cineasta Alain Resnais, com roteiro de Marguerite Duras. A história é sobre o relacionamento entre uma mulher francesa e um japonês. Foi um dos primeiros filmes da *Nouvelle Vague* e fez uso inovador de *flashbacks*.

3- *A Bout de Souffle* (br: *Acossado* / pt: *O Acossado*) é um filme francês em preto e branco, do gênero drama e policial, realizado, em 1959, por Jean-Luc Godard, com roteiro baseado em história de François Truffaut.

O estatuto previa que o mandato da diretoria era de um ano e que seus membros poderiam ser reeleitos. O presidente ficava responsável por supervisionar e fazer funcionar todos os serviços, representando o CEC ativa ou passivamente, em juízo ou fora dele, em geral, nas suas relações com terceiros, podendo delegar poderes e procurações a quem julgasse conveniente.

O secretário ficava encarregado do cuidado com o arquivo, recorte de todo e qualquer material relativo a cinema e ainda da correspondência. Já o segundo secretário tratava do controle dos associados e da parte técnica relativa à exibição dos filmes. O tesoureiro, por sua vez, providenciava os recebimentos e pagamentos do centro. Embora houvesse a nomeação de cargos hierárquicos, todos os membros tinham os mesmos direitos.

O CEC ainda disponibilizava a seus sócios o acesso a uma biblioteca com livros e revistas de cinema. Algumas assinadas pelo cineclubes eram de outras nacionalidades. Francesas: *Telé Cine* e *Positif*; inglesas: *Sight and Sound* e *Films and Filming*; portuguesas: *Imagem e Filme*.

Diferentemente do CEC de Belo Horizonte, o CEC-JF não possuía nenhuma publicação própria. O único registro das atividades do grupo eram os boletins sobre os filmes e as correspondências enviadas e recebidas.

Talvez a ausência de uma publicação pudesse ser explicada pela recente formação do grupo. O CEC-BH já somava 6 anos de existência quando o CEC-JF começou a se estruturar.

O CEC-BH¹, conhecido como CEC-Minas, era um cineclubes de grande importância e referência em todo o Brasil. Seus membros participavam da *Revista de Cinema*², a única publicação do gênero no país.

Apesar da distância geográfica, o CEC-JF mantinha fortes laços de contato com o CEC-BH.

—

1- CEC- BH, conhecido como CEC Minas, foi fundado em 15 de setembro de 1951, na capital mineira, por Cyro Siqueira, Jacques Brandão e Fritz Teixeira de Salles.

2- Revista de Cinema criada em 1954 pelo CEC-BH, a publicação se tornou referência para os cinéfilos.

A nossa referência maior em termos de cineclube era com o CEC Belo Horizonte. O CEC BH formou alguns críticos de cinema muito importantes que depois foram trabalhar no *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, no *Estado de São Paulo*. Então esse CEC de BH era uma referência bastante forte para nós. A gente pegava muita coisa que eles tinham feito e tentávamos reproduzir aqui, por exemplo, eles tinham uma sessão de cinema semanal para passar filmes de arte em locais comerciais. A gente tentou fazer isso aqui, mas a gente não conseguiu. Era um sonho nosso fazer uma sessão semanal de cinema de arte. Então o CEC-BH era nossa referência, porque eles conseguiram ser mais profissionais do que nós conseguimos ser. (DUTRA, 2010).

Além do contato com o CEC-BH, o centro juizforano se correspondia com vários cineclubes do Brasil, o que proporcionava uma grande troca de informações e experiências. Como exemplos, podemos citar: o Cineclube Santa Maria, do Rio Grande do Sul, e o Cineclube Universitário de Ouro Preto, em Minas Gerais.

Segunda Fase do CEC-JF

A segunda fase do CEC (1965-1972) compreende o período de funcionamento ligado à Galeria de Arte Celina¹. Nessa nova etapa, o CEC sofreu uma reorganização de sua diretoria que passou a ser composta por: Décio Lopes, na presidência, Rogério Bitarelli, Milton Dutra, Roberto Guedes, Reyder Gonçalves, Fanny Bracher, Martha Sirimarco² e Maria Helena Fialhi.

A integração com a Galeria de Arte Celina permitiu ao CEC o uso de uma de suas salas para exibição de filmes. Em colaboração com a Aliança Francesa, que emprestava o equipamento de projeção e os filmes, as sessões aconteciam.

—

1- A Galeria de Arte Celina foi fundada em 1965 pela família Bracher e assumiu um importante papel na vida cultural da cidade.

2- Jornalista e professora de Letras pela UFJF.

Nívea Bracher explica o processo de exibição:

Quando nós nos instalamos na Galeria Celina, a gente fez um buraco na parede para projetar filmes, e, mais ainda, como a grande janela da sala dava pra Rua Halfeld, incrivelmente, a gente tinha que tampar a janela. A gente colocava um pano preto... E a gente fez uma tela nova de madeira, que subia e descia, na inclinação correta da imagem com o projetor. Quando nós arrumamos essa estrutura de cinema, o CEC funcionava lá (BRACHER, 2011).

Com a frequência de uma sessão semanal, o CEC exibia diversos filmes, desde os de vanguarda, como os clássicos da *Novelle Vague*, até filmes mais desconhecidos, como os poloneses e tchecos, tidos como comunistas. As fitas eram conseguidas através de empréstimos feitos por embaixadas estrangeiras - principalmente a embaixada americana e a francesa -, a Cinemateca Brasileira e também as Companhias Distribuidoras. Nesse último caso, pagava-se pelos filmes.

Antes das sessões havia uma breve apresentação dos filmes que era feita por um dos associados do CEC. E, no final da sessão, o público comentava e discutia sobre o filme.

A Galeria de Arte Celina

A Galeria de Arte Celina (GAC) foi inaugurada em 19 de dezembro de 1965, como um espaço destinado à exposição de obras artísticas da família Bracher¹. O nome Galeria de Arte Celina foi escolhido em homenagem a Celina Bracher²

O espaço funcionava no segundo andar da Galeria Pio X, na Rua Halfeld, dedicado à promoção de atividades culturais. Seu público abrangia desde estudantes interessados em artes, a pintores, escultores, cinéfilos, enfim, pessoas ligadas às artes em geral.

1- Família Bracher teve um importante papel como incentivadores de arte na cidade. Waldemar e Hermengarda, os pais, participaram do Coral da Universidade.

2- Celina Bracher, filha de Waldemar Bracher e Hermengarda, morreu prematuramente em 7 de março de 1965.

Quando a Galeria Celina foi inaugurada, o CEC passava por um período de reestruturação, iniciando sua 2ª fase (1965-1972). Juntos, os dois organismos movimentavam o circuito cultural da cidade. “Então não tem onde começa a Galeria de Arte Celina e onde começa o CEC, os dois são uma coisa só, igual às mitocôndrias com a célula. Então CEC e Galeria Celina eram uma coisa só” (BRACHER, 2011). Os dois juntos representavam a força da cultura marginal como forma de resistência à cultura oficial.

A fase de transição do CEC para a Galeria de Arte Celina foi marcada pela repressão política do golpe militar de 1964. Para controlar o acesso às informações, o governo cria organismos como o SNI - Serviço Nacional de Informações. A censura aos meios de comunicação como jornais, televisão e rádio também se estendia ao teatro e ao cinema.

E até mesmo o filme “*Padre Cardeal Arcebispo de São Paulo Dom Agnello Rossi*”, inspirado no poema de Carlos Drummond de Andrade, foi censurado, sendo considerado um atentado à desmoralização da Igreja. A película foi proibida em todo o país.

Em contrapartida, fazendo oposição à medida, o CEC- JF reivindicava os direitos de exibição: “O CEC do Diretório Central dos Estudantes da UFJF apoiado pelo Teatro Universitário juntam-se à opinião contrária a essa medida” (LOPES, CEC- JF 1966).

Outro episódio semelhante, que demonstra a censura política, é a apresentação em Juiz de Fora do espetáculo *Liberdade, Liberdade*, de Paulo Autran, pelo CEC. Nesse caso, no entanto, segundo Nívea Bracher, o cineclube desconhecia a proibição:

Mas, imagina, para a gente conseguir o alvará, a gente não sabia, na época, mas o espetáculo era proibido pela censura. Isso a gente conseguiu, porque o prefeito Ademar [de Andrade] era nosso vizinho. E a gente falou: “Isso é um teatrinho...” E ele: “Tá tudo bem”. E depois ficamos sabendo que tinha censura. Por isso, a gente não foi para frente, a gente só transgredia o tempo todo. (BRACHER, 2011)

Somando a ousadia de uns, com a irreverência de outros, o grupo conquistava seu espaço no âmbito cultural da cidade. Um exemplo dessa conquista é a realização do

1º Festival de Cinema de Juiz de Fora, organizado em 1966.

O Festival começou como uma iniciativa da Prefeitura, sendo, depois, assumido pelo grupo que ficou encarregado de sua organização. O Festival movimentou a cidade trazendo artistas, cinéfilos e produtores de todo o país. Em homenagem ao cinedocumentarista pioneiro de Juiz de Fora, o prêmio do festival chamava-se: “Prêmio João Gonçalves Carriço¹”.

Na prefeitura não tinha nem uma pessoa que entendesse sobre cinema. Então a prefeitura resolveu absorver o CEC como participante da organização do Festival. Na verdade, a gente chegou e tomou a frente da coisa, na verdade, tava sendo feito por um pessoal leigo, nessa época, o prefeito era Itamar Franco. (...) É interessante notar que o Festival não foi uma iniciativa nossa, embora, depois, nós tenhamos assumido sua frente (DUTRA, 2010).

Além disso, filmes de Carriço eram exibidos pela organização antes do início das sessões de cinema, relembra Décio Lopes. Segundo ele, jornalista e crítico de cinema, o festival foi o primeiro festival de cinema do Brasil que premiou *Menino do engenho*, dirigido por Walter Lima Júnior. (LOPES apud MUSSE, 2008, p.149) O sucesso do primeiro Festival garantiu a continuidade, logo no ano seguinte, com uma segunda edição. Neste ano, com a explosão do Cinema Novo, no Rio de Janeiro, muitas produções famosas como *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, foram exibidas.

Ao todo, a GAC promoveu 18 exposições de pintura, 5 festivais de cinema e 48 apresentações teatrais, além de conferências e cursos. Dentre esses, o Curso de Cinema, realizado em 1967, que se tornou referência nacional por ser o maior curso oferecido por um cineclubes no país. O curso, planejado com o apoio da Reitoria da Universidade Federal de Juiz de Fora e do CEC-BH, fazia uma retrospectiva sobre a história do cinema desde o cinema mudo até os importantes movimentos existentes na Europa como o Neorealismo Italiano e o Expressionismo Alemão.

—

1- João Gonçalves Carriço foi um dos precursores do cinema em MG, nasceu em Juiz de Fora, em 27/07/1886 e faleceu em 1959.

Nívea Bracher relembra como conseguiram os filmes para exibição:

Nós, eu e o Décio Lopes conseguimos todos os filmes da História do Cinema. Desde os primeiros filmes até filmes da década de 70. Eu me lembro que... ah, o Milton¹, também estava com a gente, e ele ajudou a carregar todos os filmes que compunham a história da Cinemateca Francesa. Nós trouxemos os filmes numa sacola, no ônibus. E, em confiança, ele nos emprestou tudo. E chegou tudo aqui em JF, só perdeu um filme. Nós tivemos na mão esses filmes, eram mais de 50 filmes. (BRACHER, 2011)

Durante o evento foram exibidos mais de 150 filmes e cerca de 1.400 *slides*. Em média, 40 alunos participaram das atividades. Além desses, estiveram presentes importantes cineastas e críticos de cinema: Murílio Hingel, Néelson Pereira dos Santos, Maurício Gomes Leite, etc.

No final dos anos 60, essa geração da 2ª fase do CEC desintegra-se. Muitos dos jovens participantes do grupo deixam a cidade em busca da realização profissional nos grandes centros urbanos, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. “No final dos anos 60, início dos 70, essa turma toda se dispersou, foi pro RJ, SP. O Milton foi pra SP fazer teatro, o Rogério foi pro RJ, eu fui pro RJ, o Eugênio foi pro RJ” (MEDEIROS, 2010).

No início dos anos 70, uma nova geração reacende a chama do grupo de cinéfilos o *Nouveau* CEC, comandado pelo estudante Walter Sebastião. Esse novo CEC ficou conhecido como “Exército de Brancaleone” devido ao estilo ousado do grupo em se vestir e se comportar. “Isso era um apelido que o pessoal tinha, porque era muito ligado à contracultura, o Exército de Brancaleone vem de uma coisa bastante do visual deles, que era uma coisa nada convencional” (DUTRA, 2010).

Embora não se tenham muitos registros dessa última fase do Centro de Estudos Cinematográficos, sabe-se, através de correspondências da época, que esse grupo ainda manteve algumas das atividades do período anterior. Em carta escrita em 7 de maio de 1975 ao então prefeito de Juiz de Fora, Saulo Pinto Moreira, o presidente do CEC naquela ano, Marcelo Mega, junto ao presidente do DCE, Ivan Vidal Barbosa de Castro, escreve para solicitar a liberação de verba (de 5 mil cruzeiros) por parte da Prefeitura

-

01- Milton Dutra, estudante, participante do CEC- JF na sua segunda fase.

para cobrir despesas com o Curso Intensivo de Cinema que foi promovido sob os auspícios da Executiva Municipal dentro das comemorações do aniversário da cidade.

No ano seguinte, 1976, promovem um abaixo assinado que visava à negociação da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora com a Cinemateca de São Paulo, para que pudesse ser preservado o acervo da Carriço Films.

Muitas das construções, dos espaços culturais, cursos criados na cidade ocorreram movidos pelo desejo e persistência de pessoas ligadas à cultura que fizeram parte do antigo CEC ou da Galeria de Arte Celina. O surgimento do curso de Artes da UFJF e de diversos espaços culturais nos anos 80 é fruto dessa geração amante da sétima arte.

O Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora, junto aos seus parceiros, marcou uma época no cenário cultural da cidade. Muitos dos participantes se tornaram críticos de cinema e fizeram carreira no jornalismo. Aos que não seguiram por esse caminho, o CEC representou um momento de importante vivência e troca de experiências. O primeiro cineclube de Juiz de Fora foi o pontapé inicial de uma cidade marcada pelo caráter pioneiro de seus habitantes, para que hoje possamos ter o circuito que existe. Eventos e festivais ligados à arte cinematográfica se propagam cada vez mais e atraem entusiastas com o mesmo espírito daqueles jovens que lá atrás, em 1957, já vislumbravam na Manchester Mineira, um potencial artístico e cultural que se apresenta em 2011.

Referências

Documentos: Boletins, Correspondências enviadas e expedidas, Artigos, Recortes de Jornais do CEC- JF. Período analisado de 1960- 1972.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa Brasil – 1900-2000**. Ed Mauad Rio de Janeiro 2007.

COUTINHO, Mário Alves; GOMES, Paulo Augusto (org). **Presença do CEC – 50 anos de cinema em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Ed. Crisálida, 2001.

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Funalfa, 2008.

TEIXEIRA, Rogério. Depoimento. Entrevistadora: Haydêe Sant’Ana Arantes. Juiz de Fora, 16 de setembro de 2010.

DUTRA, Milton. Depoimento. Entrevistadora: Haydêe Sant’Ana Arantes. Juiz de Fora, 28 de setembro de 2010.

ROMÃO, José Eustáquio. Depoimento. Entrevistadora: Haydêe Sant’Ana Arantes. Juiz de Fora, 1 de novembro de 2010.

BITARELLI, Rogério. Depoimento. Entrevistadora: Haydêe Sant’ Ana Arantes. Juiz de Fora, 19 de novembro de 2010.

BRACHER, Nívea. Depoimento. Entrevistadores: Brênio Peters Ribeiro e Haydêe Sant’Ana Arantes. Juiz de Fora, 17 de fevereiro de 2011.

BRACHER, Décio. Depoimento. Entrevistadores: Brênio Peters Ribeiro e Haydêe Sant’Ana Arantes. Juiz de Fora, 18 de fevereiro de 2011.